

Incertezas de Trump e aço chinês preocupam siderúrgicas

Tarifas trarão perdas para indústria americana, diz Instituto Aço Brasil

Por Pedro Lovisi - Folhapress

Os anúncios frágeis de Donald Trump e a inundação de aço chinês no mercado brasileiro preocupam mais as siderúrgicas instaladas no país do que as próprias tarifas impostas pelos Estados Unidos. Isso porque, segundo quem acompanha o setor, dificilmente as empresas americanas conseguirão suprir a demanda pelo aço brasileiro no curto prazo.

As tarifas de 25% sobre todo aço que chega aos EUA começaram a valer nesta quarta-feira (12), apesar das tratativas do governo brasileiro com a Casa Branca para adiar a cobrança. Agora, até nova ordem, as empresas brasileiras não terão mais exportações isentas de impostos -os americanos aceitavam receber 3,5 milhões de toneladas de aço semiacabado sem tributação.

Nesta quarta, o Instituto Aço Brasil afirmou que as tarifas trarão perdas não só para a indústria de aço brasileira, mas também para a indústria americana e defendeu negociações entre os dois governos. Já o Ipea divulgou um estudo que aponta perdas de US\$ 1,5 bilhão nas exportações brasileiras.

As siderúrgicas instaladas no Brasil são as maiores fornecedoras de aço semiacabado para os EUA -no ano passado, foram 3,4 milhões de toneladas, 60% do total importado pelos americanos. Esse produto é processado por siderúrgicas americanas, que o adaptam para as indústrias manufatureiras locais, como a automobilística.

O segundo maior fornecedor de aço semiacabado para os americanos são as siderúrgicas

instaladas no México, que enviaram no ano passado 1,1 milhão de toneladas para o outro lado da fronteira. No ano passado, os EUA compraram 5,6 milhões de toneladas de aço semiacabado de todo o mundo.

A ideia de Trump com as tarifas é reduzir essas importações e incentivar as indústrias locais a aumentarem suas produções. Hoje, as siderúrgicas americanas produzem a cerca de 75% de sua capacidade, e Trump espera que as tarifas aumentem esse valor para ao menos 80%.

É improvável, no entanto, que as empresas americanas tenham capacidade e velocidade suficientes para substituírem essas importações. Isso porque os EUA também importam 20,6 milhões de toneladas de aço pronto para a indústria manufatureira e, segundo especialistas, é exatamente parte dessas importações que as siderúrgicas americanas escolherão substituir a médio prazo.

Além disso, o salto de cinco pontos percentuais na produção americana desejado por Trump adicionaria apenas 5,4 milhões de toneladas à produção anual do país, número bem inferior ao total importado pelos americanos.



Tarifas sobre aço que chega aos EUA começaram a valer

“Isto seria insuficiente para substituir todas as importações, portanto, haveria espaço para manutenção de algum volume de importações, que precisa compensar o custo adicional da tarifa”, diz Germano Mendes de Paula, professor da Universidade Federal de Uberlândia.

“Mesmo assim, as exportações brasileiras serão afetadas, mas o tamanho do impacto depende do nível do preço do aço nos Estados Unidos, que ainda não mostrou estabilização”, acrescenta. Os preços do produto nos EUA, aliás, vem subindo nas últimas semanas.

Aço semiacabado

Um exemplo das operações entre siderúrgicas brasileiras e americanas é a venda de aço semiacabado produzido nas usinas da ArcelorMittal no Espírito Santo e no Ceará para a Calvert, siderúrgica no Alabama de propriedade da própria Arcelor. No Brasil, o grupo consegue produzir até 15,5 milhões de toneladas de aço semiacabado, sendo que parte da produção ajuda a alimentar sua usina americana.

Além disso, a Ternium envia seu aço semiacabado fabricado no Rio de Janeiro para o México,

Divulgação



CSN exporta com maior valor agregado, mas 70% da produção fica no mercado doméstico

onde ele é processado e enviado para os EUA ou comercializado no mercado local.

Carlos Jorge Loureiro, presidente do Inda (Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço) aponta que, como a taxação de Trump é global, o produto brasileiro ainda terá competitividade com os demais países. Assim, como as indústrias americanas não conseguirão substituir grande parte das importações, elas precisarão continuar importando aço brasileiro. Isso, no entanto, poderia fazer a inflação americana crescer.

“Não é porque se criou imposto que eles vão comprar no mercado doméstico, pois lá não existe disponibilidade de placa de aço (produto semiacabado) para venda”, diz Loureiro.

O mesmo, porém, não deve acontecer com as exportações brasileiras de produtos acabados para os EUA. Antes das tarifas de Trump, as siderúrgicas instaladas no Brasil podiam vender 687 mil toneladas de aço acabado isento de imposto, mas a taxação reduzirá a competitividade do produto brasileiro -o país é apenas o oitavo maior vendedor desse tipo de aço para os EUA.

CSN tem maior valor agregado

Entre as empresas brasileiras, a mais afetada com isso, segundo analistas, deve ser a CSN, que

exporta aço de maior valor agregado para os EUA. Ainda assim, o impacto não deve ser tão grande, já que 70% da produção da siderúrgica é comercializada no mercado brasileiro.

Até agora, aliás, as tarifas de Trump não afetaram os contratos futuros do aço vendido no Brasil, segundo o dono de uma grande consumidora de aço da ArcelorMittal.

“Mas a gente sempre tem que trabalhar no ponto teórico, porque nada em relação a taxa é definitivo com o Trump, já que ele muda de opinião rapidamente”, pontua Loureiro. Ele se refere ao vai e vem do presidente americano, que já chegou a decretar e suspender tarifas sucessivas vezes nas últimas semanas.

A indefinição de Trump em relação às tarifas, por sinal, preocupa mais os investidores do que as próprias tarifas. Isso porque sem uma definição clara de qual será o impacto das medidas nas importações americanas, siderúrgicas e indústrias dependentes de aço tendem a adiar investimentos.

“As empresas podem considerar atrasar as suas compras de aço, porque elas preferem ver se alguma negociação vai ser feita, e isso provocaria redução de demanda”, afirma Larissa Wachholz, especialista sênior do Cebri e sócia da consultoria Vallya Participações.

Outra preocupação do se-

tor que sobressai o receio das tarifas de Trump é a inundação de aço acabado chinês no mercado brasileiro. Com menor demanda interna por aço nos últimos anos, as siderúrgicas chinesas aumentaram a venda de seus produtos (mais baratos do mundo) para a América Latina. Hoje, a China é responsável por 60% das importações brasileiras, que vem crescendo ano a ano.

“O grande problema da siderurgia brasileira é a importação da China e não as tarifas americanas, já que os EUA vão ter que continuar importando nossas placas”, diz Loureiro, presidente do Inda. O setor defende que o governo brasileiro retire as cotas fixadas no ano passado e taxe em 25% todo aço chinês que entre no país.

Segundo a Alacero (Associação Latino-americana do Aço), a China exportou mais de 110 milhões de toneladas de aço acabado e semiacabado em 2024, das quais 14,2 milhões foram para a região -aumento de 129% em relação a 2024.

“Os países que não compreenderem os efeitos no mercado internacional da irrupção do gigante asiático serão os mais expostos a uma onda de inundação da sobreprodução da China, com a correspondente ameaça a toda a cadeia de valor”, diz Ezequiel Tavernelli, diretor executivo da Alacero.

Gerdau aposta que governo vai adotar medidas duras contra importação do aço

Claudio Gatti/Gerdau

Por Artur Búrigo - Folhapress

O presidente-executivo da Gerdau, Gustavo Werneck, disse esperar que o governo Lula (PT) adote novas medidas contra a importação de aço no Brasil, no que ele chamou de “defesa comercial”.

Em cerimônia da siderúrgica com o presidente e outras autoridades na última terça-feira (11) em Ouro Branco (MG), a companhia anunciou R\$ 1,5 bilhão em investimentos para a expansão da produção de bobinas a quente na fábrica local. O vice-presidente, Geraldo Alckmin (PSB), que também ocupa o cargo de ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), estava na cerimônia na planta da Gerdau.

“Eu estou muito confian-



Gustavo Werneck diz que Brasil precisa fazer defesa comercial junto aos EUA

te que depois do que a gente fez aqui hoje, o governo vai implantar novas medidas, um pouco mais duras, para impedir esse volume enorme de aço

que entra no Brasil de forma desleal, em uma competição totalmente sem isonomia”, disse Werneck em entrevista a jornalistas no local.

Em abril do ano passado, o governo estabeleceu cotas para a importação de aço e aumentou para 25% o Imposto de Importação sobre o volume excedente.

A decisão, que atendeu a um pedido da indústria siderúrgica nacional contra a importação de aço chinês no país, tem validade até maio deste ano.

Questionado sobre as medidas em discussão e sobre a renovação ou não das cotas de importação, o Mdic disse que ainda não há uma definição sobre o tema.

Werneck afirmou que o governo tem estado aberto ao diálogo e que há várias possibilidades em discussão.

Entre elas, estão o aumento na tarifa de importação ou o fim das cotas, que garantem taxas mais baixas, para determinar o imposto de 25% para todo o aço que entra no país.

“Esse aço [importado] chega a um valor muito menor do que o nosso custo de produção. Por mais que a Gerdau tenha busca-

do um nível de competitividade nunca visto nestes 124 anos, é impossível a gente competir com aço que chega de forma desleal”, disse o executivo.

Segundo ele, a participação de aço importado no mercado nacional atingiu uma faixa de 25%, diante de um patamar que era de 11% em níveis históricos.

Sobre as tarifas impostas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre aço e alumínio, o executivo da companhia disse que elas são positivas para a companhia, já que a empresa tem produção local no país norte-americano.

“Para nós, toda a defesa comercial que os Estados Unidos têm colocado, não de agora, mas já há alguns anos, tem sido muito positiva para os nossos negócios”, afirmou Werneck.